



ALEXANDRE ALLIATTI*

No fim do ano passado, enquanto contava os dias para a mudança de volta para Porto Alegre, eu me pegava pensando no outono. Minha lembrança favorita: era a estação em que a cidade ficava particularmente bonita — os dias ensolarados, o frio ainda aconchegante, o céu se espelhando em um azul-claro que, ao entardecer, lá no horizonte, alcançava tons amarelados, alaranjados, às vezes rosados. Eu ansiava por reencontrar aquelas cenas tão familiares: as pessoas tomando chimarrão nos parques, ocupando as mesas dos cafés nas calçadas, admirando o pôr do sol à beira do Guaíba. Era hora de voltar, eu voltei.

E foi então, enquanto estava distraído revendo o outono em Porto Alegre, que o horror suplantou a beleza. Parques estão alagados. Cafés estão fechados ou vazios. Ainda há sol bonitos, e nesses dias se pode sobre o lago — mas já não é possível se acomodar na orla para ver a despedida da tarde. A orla está abaixo d'água.

Tente imaginar a sensação: você deixa a cidade que ama, fica 12 anos fora, muda de vida, faz novos amigos, troca de empregos, casa, se torna pai, escreve um livro — e passa o tempo todo fantasiando com o dia do retorno, com os outonos que se avizinham. E o retorno se concretiza. E o novo outono finalmente chega. E aí vem a tragédia, vêm os piores dias que já vivemos: o nosso Katrina, o nosso tsunami. Não podemos reclamar de abandono. Fomos abraçados. Seremos eternamente



VIVI PARA CONTAR

MEMÓRIAS DO OUTONO

A ÁGUA AVANÇOU SOBRE O COTIDIANO, QUE É A NOSSA ESSÊNCIA



gratos a tudo que o povo brasileiro vem fazendo por nós. Mesmo, de coração. Se possível, continue ajudando nos próximos dias. A situação seguirá muito grave.

Mas se você lê este texto Brasil a fora, longe das divisas do território gaúcho, não conseguirá dimensionar o que vivemos. Por mais empático que seja, por mais ferido que esteja com as imagens de nossa tragédia, você não conseguirá dimensionar.

Porque quando você sofre ao ver o Mercado Público alagado, nós lembramos do cheiro de peixe nos corredores ou do gosto do sorvete na Banca 40; quando você lamenta a cena da Praça da Alfândega inundada, nós revivemos, na ponta dos dedos, a sensação de mexer nos balaios durante a Feira do Livro, sob a sombra dos jacarandás; quando você fica perplexo com o gramado do Beira-Rio coberto de água, nós recordamos a mescla de angústia e esperança nos domingos de Gre-Nal; quando você fica sabendo que nosso principal bairro boêmio, a Cidade Baixa, também foi atingido, nós resgatamos aquela vez em que cantamos "Amigo punk" em alguma madrugada gelada.

Ao avançar sobre Porto Alegre (e tantas outras cidades do Rio Grande do Sul), a água avançou também sobre esse conjunto de minúsculas cotidianas que forma a nossa essência.

E mesmo nessa dor, no sofrimento pela cidade atacada, há privilégio. Tem muita gente com preocupações bem maiores do que os lamentos do que você encontra nesse texto: pessoas que procuram os corpos daqueles que

amam, pessoas hospitalizadas, desabrigadas, ilhadas, desesperançadas. A força da tragédia está nas histórias rompidas — as dos que se foram e as dos que ficam.

Afinal, isso tudo é sobre gente. É sobre minha filha de três anos, trancada em um apartamento, brincando de dirigir barco ou de construir ponte para escapar do rio; é sobre a senhora que vejo da janela, vagando com uma bombona vazia de água nas mãos; é sobre nos emocionarmos com a resiliência de um cavalo em cima de um telhado; é sobre a mãe que procura a bebê gêmea sumida no resgate; é sobre o jogador de futebol, com lama até o pescoço, que carrega uma idosa nas costas; é sobre cada um dos milhares de anônimos que deu algum jeito de ajudar.

INÍCIO DA RECONSTRUÇÃO

Nos rostos desconhecidos que arrecadam garrafas d'água, preparam marmeladas, trabalham em abrigos ou dirigem barcos, está a reconstrução. Na primeira mão que se ergueu para ajudar alguém no meio da enchente, começou a recuperação do Mercado Público, da Praça da Alfândega, do Beira-Rio. Porto Alegre vai se reerguer. O Rio Grande do Sul vai se fortalecer.

E aí vamos tomar chimarrão nos parques e ocupar as mesas nas calçadas dos cafés. E também vamos ver o sol se pôr à beira do Guaíba. Como temos certa vocação para a grandiloquência, gostamos de dizer que é o pôr do sol mais impressionante do mundo inteiro. E é mesmo. Se você duvida, venha ver: é nosso convívio.

Mas procure vir no outono, quando Porto Alegre é particularmente bonita. E esteja avisado: há um risco de, como eu, você sempre queier voltar.

* Escritor e jornalista. Autor de "Tinta Branca", vencedor do Prêmio São Paulo

Oito décadas depois, uma tragédia prevista para durar mais

Enchente superou nível recorde do Guaíba; para especialista, escoamento da água será lento e deve superar os 32 dias de 1941

LUCAS GUIMARÃES*

lucas.guimaraes@globo.com

A enchente que impacta o Rio Grande do Sul, com a cidade de Porto Alegre no epicentro, superou os registros da tragédia vivida em 1941, quando a capital também sofreu com as cheias do Lago Guaíba. Na época, o nível chegou a 4,76 m, o equivalente a 59 centímetros abaixo do recorde da atual tragédia, e levou 32 dias para que retornasse ao limite seguro de 3 metros. Neste ano, porém, ainda não há previsão para a normalização da situação na capital. Na avaliação do professor do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS, Fernando Dornelles, o período será mais prolongado do que o enfrentado há 83 anos.

— Olhando esse número de 32 dias, eu apostaria, porque não tem como cravar, principalmente devido às chuvas previstas e aos ventos, que vamos superá-lo. É um pensamento empírico, mas tive uma concentração mais veloz da água da chuva dessa vez, com acumulados de 500 a 700 milímetros, em pouco mais de uma semana. Em 1941, quando choveu por 35 dias, tivemos um valor de 900 milímetros, foi mais



Em 1941, Enchente no Centro histórico da capital gaúcha: ao fundo, o Mercado Público, um dos símbolos da cidade



Em 2024, História já vista: Mercado Público cercado pelas águas do Guaíba

espaçado — detalhou.

O também professor do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS Rodrigo Paiva concordou que ainda não é possível apresentar uma expectativa de escoamento das águas em Porto Alegre. Ele também acredita que uma das causas da gravidade do evento climático foi a rapidez:

— A principal diferença é que nessa enchente de 2024 tudo aconteceu mais rápido, muito mesmo. Esculpiu de uma forma surreal. O nível foi bem superior a de 1941, mais de 50 centímetros. Antigamente tinha menos população, ainda não haviam ocupado áreas de risco como hoje.

Também é possível ver o maior impacto da catástrofe não só na estrutura, mas em símbolos da cidade. No Mercado Público de Porto Alegre, há uma placa que registra a marca da enchente de 1941 e indica a altura que a água atingiu em 8 de maio daquele ano. A chapa de metal está submersa desde domingo passado, quando o Guaíba chegou a 5,35 metros.

ESTADO DE TERRA arrasada

Há 83 anos, quando a capital gaúcha enfrentava a tragédia instalada pela água, os bondes que cortavam a cidade pararam de funcionar, assim como a Companhia Força e Luz, que fornecia eletricidade. O mesmo aconteceu com as escolas, que tiveram as aulas suspensas, e a cidade se viu em um estado de terra arrasada. Cerca de 70 mil pessoas, o equivalente a 25% da população, que era de 270 mil, ficou desabrigada.

Em 2024, o cenário se repete e, segundo a Defesa Civil do Rio Grande do Sul, 790 escolas foram afetadas de alguma forma, sejam por danos nos prédios, por problemas de acesso ou por estarem servindo de abrigo para a

população atingida. Ao todo, 273.155 estudantes foram impactados em 216 municípios. Pelo menos 138 mil pessoas estão sem luz e com pouca água para beber em Porto Alegre, até o momento, três pessoas morreram devido às enchentes na capital. Não houve mortes registradas na tragédia de 1941.

Das cinco estações de tratamento de água que estavam paradas na cidade, três voltaram a funcionar na terça-feira. Outras duas seguem sem operar, já que as bombas que captam água do Guaíba estão em locais inundados. Na época da tragédia de 1941, as chuvas no Rio Grande do Sul começaram em 10 de abril e se prolongaram por 35 dias, sendo 22 apenas em Porto Alegre. Desta vez, a chuva no estado começou no dia 29 do mesmo mês, ainda sem perspectiva de término, já que a previsão do tempo indica temporais em Porto Alegre até hoje, e a chuva pode somar 125 milímetros, aponta o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

Depois da enchente do século passado, durante os anos 1971 e 1974, foi erguido o Muro de Manta, principal estrutura do Sistema de Proteção Contra Cheias de Porto Alegre. Com 3 metros de altura e 647 metros de comprimento, o sistema ajudou a conter parte das inundações na capital gaúcha nos últimos anos.

(* Estágio sob supervisão de Alfredo Mengalhão)